

Antônio de Sá

Sermão do Dia de Cinza

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2009

Sumário

Apresentação . 5

José Américo Miranda

Sermão do Dia de Cinza . 7

P. Antônio de Sá

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação

Formatação

Tatiana Chanoca

Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves

Revisão de provas

Tatiana Chanoca

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Apresentação

José Américo Miranda

O texto desta publicação foi preparado, para uso em sala de aula, com base apenas na edição da Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa.¹ As circunstâncias em que o trabalho foi realizado, tendo em vista somente a possibilidade de apresentar tão importante autor aos alunos do curso de graduação em Letras, não permitiram que se sanassem as dúvidas suscitadas pelo texto. O registro dos erros mais evidentes no rodapé foi feito para que forme o leitor uma noção do número deles e para que em seu número se fundamente a suspeita da existência de outros.

A edição de 1924 traz, no frontispício, uma contrafação da página de rosto da segunda edição, datada de 1673. Esse dado nos faz crer que seu texto reproduza fielmente o daquela, embora isso não esteja explícito em lugar algum. Sugerem-no o fato de cada um dos sermões reunidos no volume de 1924 trazer estampado, em frontispício divisório, a contrafação da página de rosto de uma edição anterior e o fato de cada sermão ter sua paginação própria. Tudo na edição de 1924 parece indicar que ela seja uma transcrição diplomática. Ela recebeu, entretanto, no corpo do texto, a inserção das remissões às notas de João Luís de Campos.

No tratamento do texto, para publicação neste caderno da série *Viva Voz*, alterou-se a pontuação em favor da clareza das ideias. Evitou-se, contudo, reduzi-la às regras atuais, na tentativa de preservar-lhe os valores expressivos. Atualizou-se a ortografia de acordo com a Reforma Ortográfica de 1943 e com as alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 1971. Particularmente problemática, e anotada em rodapé apenas numa ocorrência, foi a grafia dos tempos verbais do futuro do presente do indicativo, já que, no século XVII, não se acentuavam a palavras oxítonas e empregava-se largamente o pretérito mais-que-perfeito; via de regra, deu-se preferência

¹ SÁ, Antônio de. Sermão do dia de cinza. *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1924.

ao pretérito mais-que-perfeito, pois era frequente o seu emprego com valor de outros tempos e modos verbais. Quanto ao uso de iniciais maiúsculas, tentou-se alcançar algum grau de normalização, ainda que precário e provisório. Os parágrafos foram numerados.

Este sermão teve quatro edições: a príncipe, de 1669; a segunda, de 1673; a dos *Sermões Vários*, terceira, de 1750; e a que utilizamos, de 1924, quarta.

**SERMÃO
DO
DIA DE CINZA**

**QUE PREGOU
O P. ANTÔNIO DE SÁ**

Da Companhia de Jesus, e Pregador de Sua
Majestade, na Capela Real,

EM COIMBRA.

Com todas as licenças necessárias.

Na Oficina de RODRIGO DE CARVALHO COUTINHO
Impressor da Universidade, Ano 1673.

Convertimini ad me in toto
corde vestro.
Joel. 3.²

Nolite thesaurisare vobis thesauros in terra.
Mat. 8.³

Memento, homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.
Gênes. 5.⁴

1 O melhor da terra e o melhor do céu temos hoje cuidadosamente empenhado na mudança de nossas vidas, muito alto, muito poderoso Rei, e Senhor nosso. Está empenhado Deus, está empenhado Cristo, está empenhada a Igreja: empenhado Deus, pedindo a nossos corações uma resoluta conversão dos erros da culpa para os acertos da graça: *Convertimini ad me in toto corde vestro*;⁵ empenhado Cristo, persuadindo a nossas vontades um generoso desapego dos bens da terra pelos bens do céu: *Nolite thesaurisare*;⁶ empenhada ultimamente a Igreja, intimando à nossa memória desenganos do que somos agora, e do que havemos de ser depois: *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris*.⁷

2 De todo este tão qualificado empenho se conclui não somente a importância grande de nossa redução,⁸ senão também a ideia verdadeira de nossa penitência. Para uma alma ser, como deve, penitente, há de desfazer com o arrependimento o que fez com a culpa: a culpa, conforme ensinam os teólogos, é uma aversão de Deus, e uma conversão às criaturas; o arrependimento, pelo contrário, há de ser uma aversão das criaturas, e uma conversão a Deus; de sorte que, se para haver almas pecadoras há apartar de Deus e converter às criaturas, para ver as almas perfeitamente arrependidas, há de haver apartar das criaturas e converter a Deus: a conversão a Deus

² Jl 2,12. "Retornai a mim de todo vosso coração."

³ Mt 6,19. "Não ajunteis para vós tesouros na terra."

⁴ Gn 3,19. Palavras com que a Igreja exorta os cristãos a se lembrarem das palavras ditas por Deus a Adão, depois de ele haver comido a maçã: "Pois tu és pó e ao pó tornarás."

⁵ Joel, 2.12. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁶ S. Mateus, 6. 19. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁷ Gênesis, 3. 19. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁸ "redução": conversão.

temos em suas palavras: *Convertimini ad me*; a conversão⁹ das criaturas temos nas palavras de Cristo: *Nolite thesaurisare vobis in terra*. Porém, é tão dificultoso acabar conosco esta aversão, e esta conversão¹⁰ que, sobre o pedir a Deus e sobre a pedir Cristo,¹¹ e quem a pudera pedir que mais nos obrigasse, julgou a Igreja que era necessário render-nos com razões a razão, para nos persuadir a vontade a uma perfeita penitência, pois nos exorta o melhor do céu, Deus e Cristo. As razões ou porquês dessa penitência nos aponta o melhor da terra, a Igreja: *Memento homo, etc*. Homem, pelo que és, lembra-te de ouvir a Cristo, e aborrecer ao mundo: *Nolite thesaurisare in terra*; homem, que hás de ser,¹² lembra-te de ouvir a Deus e reduzir-te a sua graça: *Convertimini ad me*. Estas razões proporei com todo o desengano à razão pera que ela se renda, e a vontade se persuada. Assisti com vossa graça a vosso ministro, eterno árbitro do mundo, hoje, se algum dia, disponde minhas palavras, animai minhas vozes, inflamai meus afetos, e movei aos que me ouvem.

3 Quem cuidara que a Igreja nos ocupasse com lembranças da terra a memória, quando Cristo pretende que lancemos da vontade o amor da terra. Parece que nos haviam mandar esquecer para que deixássemos de amar: o esquecimento é morte da afeição, quem quer amar lembra-se, quem se esquece não quer amar; pois se Cristo manda que aborreçamos, como exorta a Igreja a que nos lembremos? Porque se é necessário esquecer para não amar, aqui é necessário lembrar para esquecer: lembram-se os homens, e amam muito ao mundo, porque o não conhecem; e não conhecem os homens o que é o mundo, porque nada se lembram do que são; lembrem-se de si, que logo se esquecerão do mundo; da falta que temos do conhecimento próprio nasce o engano com que procedemos no amor alheio.¹³ O homem é a melhor de todas as criaturas corporais; pois, como será possível que se engane com o mundo quem se desenganar consigo? Atenta, pois, a Igreja a conseguir de nós a desestima

⁹ "conversão": deveria ser "aversão".

¹⁰ Entenda-se: "é tão dificultoso acabar conosco esta aversão, e [é tão dificultosa] esta conversão".

¹¹ Entenda-se: "sobre o pedir[mos nós] a Deus e sobre a pedir Cristo [a nós]".

¹² Por paralelismo com a estrutura anterior, deve-se entender: "[pelo] que hás de ser".

¹³ "amor alheio": amor do que não é nosso.

das cousas da terra, que aconselha hoje a nossas vontades Cristo, nos traz à memória a terra de nosso ser, para que à vista do que somos possamos inferir o que é o mundo, e, se o amamos para¹⁴ ignorado, desprezá-lo por conhecido.

4 *Memento homo quia pulvis es; lembra-te homem, porque és pó; assi diz aos monarcas mais soberanos, assi diz aos vassallos mais humildes; nenhuma distinção faz de homens: tão homem e tão pó chama aos que reinam como aos que servem, porque nisto que toca ao ser não há diferença nem ainda do cetro ao cajado – tudo é cinza com mais ou menos precioso disfarce; um rei é¹⁵ cinza coberta de púrpura, um pastor é cinza coberta de saial; só a vaidade dos tempos pode introduzir desigualdades nas aparências da pompa, na realidade do ser não há fortuna que possa emendar as desigualdades da natureza.*

5 *Sonhava José o vice-reinado do Egito, e sonhava assi: Putabam nos ligare manipulos in agro, et quasi consurgere manipulum meum;*¹⁶ imaginava eu, diz José, que estávamos no campo enfeixando as paveias, e que se levantava e punha em pé o meu feixe, e que os vossos postos à roda com demonstração de reverentes¹⁷ o adoravam; não vi eu sonho mais verdadeiro que este! As paveias de José estavam adoradas, as paveias de seus irmãos adoravam, mas tudo eram paveias: o feixe de José estava levantado, os feixes de seus irmãos estavam abatidos, mas tudo era feixe; havia diferença na fortuna, mas não havia excesso na natureza, de feixe a feixe e de paveias a paveias se faziam os obséquios, e nestas igualdades sonhadas do campo se mostravam a José as felicidades futuras do paço. Ver-se-á daqui a tempos José colocado no trono, verá a seus irmãos prostrados diante de si por terra, mas entenda José que passa no paço o que passava no campo, e que umas paveias adoram outras; bastará o sólio para o pôr mais alto, mas não bastaram as adorações de todo o Egito para o distinguir do ser dos que o adoram.

6 *Josés adorados, não vos desvaneça a altura: a terra*

¹⁴ Nesta passagem, "para" equivale a "por". Ver também nota 41.

¹⁵ Na edição de 1924 está "de". Provável gralha, pois nas edições antigas o "é" grafava-se "he", forma que se pode facilmente confundir com "de".

¹⁶ Gênesis, 37. 7. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁷ Na edição de 1924: "revertentes". Trata-se, evidentemente, de gralha.

que está no cume dos montes não é melhor na substância do que a outra que está na profundidade dos vales; por mais que vos sublimasse a sorte, quando muito sois terra sobre monte. Não vos engane a humildade em que vedes a outros e a grandeza em que vos vedes a vós, porque nem os outros, por humildes, têm mais de terra nem vós, por grandes, tendes de terra menos: desengano é este, que atendeu cuidadosa a providência divina logo na criação do primeiro homem.

7 *Entrega Deus a Adão o senhorio do mundo: Dominamini piscibus maris, et volatilibus coeli;*¹⁸ e no mesmo tempo lhe encomenda a cultura do paraíso: *posuit eum in paradiso ut oporaretur.*¹⁹ Nem há hoje extremos mais distantes que príncipe e lavrador; e não havia cousa então mais escusada que o exercício da lavoura, porque o paraíso acabava de sair cabalmente perfeito das mãos de Deus; pois pera que era fazer sem necessidade lavrador a quem tinha feito príncipe, ou para que foi fazer príncipe a quem havia de fazer lavrador? Porque importava muito que fosse ambas as cousas Adão: criava-se Adão para progenitor dos homens todos, entre estes havia de haver depois alguns muito prezados de grandes, outros muito desprezados de pequenos; pois seja Adão no mesmo tempo lavrador e príncipe, para que entendam os vindouros que são igualmente filhos de Adão os que vivem no paço e os que trabalham no campo. Foi desgraça da soberba humana não haver mais que um Adão; quando muito poderão dizer os grandes que eles são filhos de Adão como príncipe, e que os outros são filhos de Adão como lavrador; porém, não podem negar que²⁰ são todos filhos do mesmo Adão.

8 *São os homens como os rios: os rios todos têm por fonte o mar; uns, com o curso das águas, perdem de todo o sabor do sal; outros, por mais terras que corram, sempre levam salobres as águas; uns lá vão brotar nos montes muito ruidosos e muito claros; outros cá manam nos vales muito calados e muito turvos;*²¹ *este ontem*²² *era desconhecido*

¹⁸ Gênesis, 1. 26. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁹ Gênesis, 2. 15. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

²⁰ Na edição de 1924: "quo".

²¹ Na edição de 1924: "turvo".

²² Na edição de 1924: "homem".

aborto de uma tosca penha, e hoje não há campanha para margem de seu caudaloso fundo; aquele hoje é desprezo da menor erva, e era ontem terror do maior tronco; isto mesmo sucede nos homens, todos têm por origem a terra: uns, com o curso dos tempos, vêm a parecer o que não foram; outros, por mais que os tempos corram, sempre o que foram parecem; uns vivem muito respeitados nos cumes da soberania, outros²³ andam muito envilecidos pelos baixos da pobreza; este, como Saul, cabia ontem em uma cabana, e hoje é pouco palácio para sua vaidade o mundo; aquele, como Nabuco, assiste hoje entre feras no campo, e era ontem assombro de monarcas em Babilônia. Mas, entre toda esta variedade, assi como nos rios, ou corram doces ou salgados, ou brotem claros ou turvos, ou sejam grandes ou pequenos, tudo é água do mar; da mesma maneira, nos homens, ou passem a ser mais ou não passem do seu menos, ou sejam ilustres ou humildes, ou habitem palácios ou cabanas, tudo é terra, tudo cinza, tudo pó: *Memento, etc.*

9 Daqui se deixa agora entender a muita rezaõ com que a Igreja nos exorta à lembrança da terra de nosso ser, quando Cristo intenta que deponhamos²⁴ do coração os cuidados da terra, porque se o homem, criatura em cuja formação, desde a mão ao engenho, e desde o engenho ao cuidado, se ocupou todo Deus, se o homem, para que trabalham luzidamente os céus, que por ele voa o sol, por ele corre a lua, por ele não sossegam os planetas, por ele influem os astros, se o homem, em cujo obséquio se cansam os elementos, pois o fogo, por obedecer-lhe, atado a um lenho se consome, o ar, por assistir a sua respiração, espira, a água, por servir a suas comodidades, se arrasta e se despenha, a terra, por atender a sua recreação e sustento, se rompe em flores e se desentranha em frutos, se o homem, se esta criatura tão singularmente privilegiada, não é mais que um pouco de barro, que serão as outras? que serão as demais cousas do mundo, se a melhor é esta? Não há duvida que, para concluir o pouco valor das cousas do mundo, bastava considerá-las por comparação à nossa vileza; porém, vivemos

²³ Na edição de 1924: "outras".

²⁴ Na edição de 1924: "deponhmos".

tão enganados com ele, que não quero deixar esta verdade pendente de uma consequência; discorramos brevemente por elas e veremos a desestima que merecem.

10 Que são as grandezas de maior nome no mundo, senão grandezas de nome? A Davi lembra Deus o benefício da monarquia a que o levantava, e diz assi: *Feci tibi nomen grande*;²⁵ Davi, adverte que te fiz um grande nome; pois dar um reino não é mais que dar um nome? Fazer a Davi grande príncipe não era mais que fazer a Davi um nome grande. Ali vereis como não são mais que nomear grandezas maiores do mundo; a distinção toda que havia entre Davi monarca e Davi pastor era um nome: Davi sem nome era Davi pastor, Davi com nome era Davi monarca, ainda não disse bem, Davi com nome grande era Davi monarca, Davi com menos nome era Davi pastor.²⁶ Para Cristo fazer de um pescador pontífice, que cuidais que fez? Mudou-lhe o nome: *Beatus es Simon: Tu es Petrus, super hanc petram edificabo Ecclesiam meam*.²⁷ Chamou Pedro quem se chamava Simão, e, para passar da rede à mitra, não houve mister mais que passar de Simão a Pedro; julgai agora se há mais que nome nas majestades da terra, pois entre a barca de Simão e a cadeira de Pedro não havia mais diferença que ser Pedro ou ser Simão.

11 Que é a glória, senão um deixar de ser? Entre Elias, profeta vivo, e Moisés, profeta morto, apareceu Cristo no Tabor,²⁸ porque entre a vida e a morte, entre o ser e o não ser, se alterna neste mundo toda a glória.

12²⁹ Que são as honras, senão aparatosas tramoias da fortuna, que, na roda de sua inconstância, se levanta hoje, pode despenhar amanhã? Para emprego primeiro do raio se alteia entre as árvores o cedro, pera despique certo das tempestades se aparta da terra o monte: ao cume dos troncos reais subiram majestosamente soberanos, para cair infamente³⁰

²⁵ II Samuel, 7. 9. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

²⁶ Na edição de 1924: "postor".

²⁷ S. Mateus, 16. 17, 18. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

²⁸ S. Mateus, 17. 3, S. Marcos, 9. 4, S. Lucas, 9. 30. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

²⁹ Na edição de 1924, não se abre aqui novo parágrafo. Entretanto, a estrutura do parágrafo 25 nos autoriza a criá-lo. Ver nota 73.

³⁰ Haploglogia: "infamente" por "infamemente".

precipitados³¹ – Valeriano³² em um cativo, Creso³³ em uma fogueira, Dionísio³⁴ em uma escola, Jugurta³⁵ em um cárcere, Vitélio³⁶ em um cadafalso, Bajazeto³⁷ em uma gaiola, e Aureliano³⁸ em um punhal.

13 Que é a privança, senão luz de estrela? O mesmo Sol que a ilustra, esse mesmo, dentro em poucas horas, a³⁹ eclipsa; hoje estais, como Amã, favorecido⁴⁰ à mesa real de Assuero, e à manhã aparecereis preso infame de força.⁴¹

14 Que são os despachos, senão um fim⁴² de patrocinados e um não de benemérito? Ou haveis de pretender arrimado ao favor alheio ou não vos há de valer o merecimento próprio. Daquele animal chamado, para⁴³ sua luzente variedade, estélio, diz Salomão que, fazendo das paredes arrimo para subir, habita nos palácios dos monarcas: *Stelio manibus nititur, et moratur in domibus Regum*;⁴⁴ ditoso animal! Que a águia ocupara o alto dos edifícios mais soberbos, sua agilidade o merece e sua generosidade o pede; porém, que o estélio, animal sem asas, chegue a lograr o posto mais superior dos palácios? Como pode subir a tanta altura, se não voa! Porque se não voa, arrima-se: *manibus nititur*; e mais lhe importa o arrimo que lhe poderão importar os vôos; a águia, com todas suas asas, achar-se-á remontada em um bosque; e o estélio, fiado no seu arrimo, ver-se-á nos melhores cumes: quem quiser altear-se muito, ainda que voe menos, procure arrimar-se mais.

³¹ Na edição de 1924: "precipitados".

³² Ver sermão da 4ª domingo da quaresma, nota 50. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.) [Esse sermão não consta da edição de 1924.]

³³ Creso, quinto rei da Lídia. Foi vencido e destronado por Ciro, rei dos persas. Não chegou a ser queimado, como deixa supor o sermão. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

³⁴ Dionísio II, o jovem, tirano de Siracusa (367-356), filho do célebre Dionísio, o antigo. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

³⁵ Jugurta, rei da Numídia, antigo reino da África setentrional. Foi grande inimigo dos romanos. Preso pelo rei da Mauritânia, foi entregue a Sila, conduzido a Roma em triunfo e encerrado em uma prisão. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924, que traz o nome do rei, no texto do sermão, grafado "Iugutta".)

³⁶ Aulus Vitellius, imperador romano. Foi vencido por Vespasiano e decapitado (69 após J. C.). (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

³⁷ Ver sermão da 4ª domingo da quaresma, nota 51. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.) [Esse sermão não consta da edição de 1924.]

³⁸ Domício Aureliano, imperador romano de 270 a 275. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

³⁹ Na edição de 1924: "o".

⁴⁰ Na edição de 1924: "favoredo".

⁴¹ Ester, 3. 1, cap. 7. 10. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁴² "fim": talvez seja "sim", por antítese a "não".

⁴³ Também aqui, "para" equivale a "por".

⁴⁴ Provérbios, 30. 28. Estélio é uma espécie de lagartixa. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

15 Que são os postos senão subidas cujos degraus se vencem a quedas? Quando o demônio ofereceu as dignidades mais luzidas a Cristo: *ego omnia tibi dabo*; logo mete, por condição, que havia de cair ajoelhado diante dele: *si cadens adoraveris me*;⁴⁵ que sem⁴⁶ cair não há levantar no mundo, custosos altos a que se não pode chegar sem quedas! Haveis de cair diante do príncipe, haveis de cair diante do privado, haveis de cair diante dos ministros; e quando pretendeis avantajá-los a outros, andais humilde, beijando a mão a muitos; e o pior é que, muitas vezes, depois de tanto cair, esses mesmos que adorastes, em lugar de vos darem a mão para que subais, vos dão de mão para que não chegueis; e eles ficam tantas vezes adorados, e vós caídos por uma vez.

16 Que são os aplausos da fama, senão reclamo de ódios? Não há trombeta de bom sucesso que não tenha de batalha os ecos: o somido que fez a funda de Davi pelas ruas de Jerusalém ocasionou repetidas lançadas a Davi no palácio de Saul; mais felizmente atirara se não soara tanto o tiro, que não há trovão sem rasgo da nuvem que o deu.

17 Que é a prosperidade, senão um temporal à popa? Ou haveis de recolher as velas ou haveis de correr fortuna,⁴⁷ que tanto ameaça o naufrágio com a tempestade à popa como com a proa na tempestade.

18 Que é a fermosura, senão uma caveira bem encarnada? Mudar-se-á com os anos ou desaparecerá com a morte aquela exterior figura; e não vos levará então os olhos isso que agora tanto vos cativa os corações; este naufrágio de liberdades enganadas, a que vulgarmente chamam todos gentileza, é acaso mais frágil que há no mundo, porque tem contra si dous forçosos contrários a que não pode fugir: a morte e o tempo; ou se apresse a morte, ou se dilate a vida, nunca permanece a fermosura. Sempre reparei nos nomes com que na escritura se apelidam as mulheres de mais estima do parecer: uma das fermosuras mais célebres nas divinas letras foi a de Tamar,⁴⁸

⁴⁵ S. Mateus, 4. 9. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁴⁶ Na edição de 1924: "em". Sendo as gralhas dessa edição tão numerosas, é provável que esta seja mais uma.

⁴⁷ "correr fortuna": correr perigo.

⁴⁸ II Samuel, 13. 1. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

a de Susana,⁴⁹ e a de Edissa, por outro nome Ester;⁵⁰ e que quer dizer⁵¹ Tamar? que quer dizer Susana? que quer dizer Edissa? Edissa quer dizer murta, Susana quer dizer lírio, Tamar quer dizer palma; pois a maior beleza com nomes de árvores e flores? Si, para que entendamos a pouca consistência da maior beleza: toda a graça das flores é breve, toda a louçania das árvores é caduca; a graça das flores é de poucas horas, a louçania das árvores é de poucos meses; um verão veste as árvores, um inverno as despoja; a manhã abre as flores, a tarde as murcha. Tal a fermosura humana: ou acaba como as flores, ou se muda como as árvores; ao golpe da morte é flor que acaba, ao curso dos anos é árvore que se muda – não há remédio: ou acabar, ou mudar; aquela que vossa cegueira chama estrelas vivas,⁵² cedo se verão eclipsadas, ou desluzidas; aquela que vossa lisonja intitula animada neve,⁵³ cedo se verá desfeita ou sem alma; aquela que vosso engano imagina partida rosa,⁵⁴ cedo se verá murcha, ou descolorada; aquela, finalmente, que nosso afeto aplaude céu com a mão,⁵⁵ cedo se verá sem luz, sem cor, sem ser, sem fermosura.

19 Que é o amor, senão um inferno com fogo sem eternidade; é muito para ver um destes fins, que a seu trabalho concerta seu divertimento, como o inquieta o temor, como o tiranizam os zelos, como o sobressalta a dificuldade, como o assusta o desdém, como o lastima a ausência; que ternuras, que rendimentos, que lágrimas, que tristezas; suspira o coração, arde a vontade, pena o entendimento, já expira, já se queixa, já adora, já se indigna; enfim, todo vive dentro de si para o tormento, e todo anda fora de si para o sossego: há maior inferno que este? E quantas vezes, depois de tanto tropel de ânsias, vem a experimentar ocasião de última desgraça o que imaginava termo de suas maiores venturas; digam-no

⁴⁹ Daniel, 13. 2. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁵⁰ Ester, 2. 7. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁵¹ Na edição de 1924: "dizir".

⁵² "estrelas vivas": metáfora culta – referência aos olhos.

⁵³ "animada neve": metáfora culta – referência à pele branca da face.

⁵⁴ "partida rosa": metáfora culta – referência aos lábios.

⁵⁵ Na edição de 1924: "mã". Provável gralha – deve ser "mã<mam<mão". Além desse problema, a passagem é obscura, deve conter outras gralhas – provavelmente omissão de palavras. A expressão "nosso afeto" talvez seja "vosso afeto".

um Amnon, um Siquém, um Sansão: o amor de Amnon com Tamar parou em uma lança,⁵⁶ o amor de Siquém com Dina rematou-se em um punhal,⁵⁷ o amor de Sansão com Dalila,⁵⁸ para que fizesse melhor figura, custou-lhe os olhos.⁵⁹ E que se veja tão adorado no mundo este ídolo? para que trazes arco e setas, tirano enganador, se hão de servir tuas setas para ferir o coração e não para defender os feridos? com razão te fingiram sempre menino, porque armas na mão de um menino puderam⁶⁰ ferir, mas não podem defender: e que me renda tão facilmente a tuas armas? que me segue de um menino? que me fie de um cego! grande cegueira minha em te estimar, mas grande sem-razão tua em me ferir.

20 Que são os gostos, senão ciladas dos pesares? Não há favo nesta vida, onde o dissabor da cera não seja prato dos sabores do mel; na doçura de um pomo comeram nossos primeiros pais o veneno da mortalidade; o dia que criou Deus a luz do céu, fez nuvens que o pudessem escurecer; e quando mais florida e fecunda criou a terra, já lhe tinha prevenidos os espinhos que a pudessem afeiar, que não há dia de alegria sem sua nuve, nem flor de contentamento sem seu espinho.

21 Que são os deleites, senão remansos enlodados onde chegais sequioso a satisfazer-vos e, por mais que bebeis, manchais os beijos e não matais a sede? Converteu Deus a mulher de Lot naquela estátua de sal,⁶¹ e quer Orígenes⁶² que fosse pera símbolo dos deleites desta vida, e para tal estátua não havia melhor matéria; meteis uma pedra de sal na boca, deixai-a fazer em água, ide-a depois bebendo e tragando, que securas não vos faz, que sede vos não causa? Eis aqui os

⁵⁶ II Samuel, 13. 32. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁵⁷ Gênesis, 34. 26. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁵⁸ Na edição de 1924: "Dalida".

⁵⁹ Juízes, 16. 21. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁶⁰ Na edição de 1924: "poderão". A atualização ortográfica depende de interpretação: a forma "puderam" está de acordo com o usus scribendi, já que o autor empregava (como os outros de seu tempo) o pretérito mais-que-perfeito no lugar do futuro do pretérito. Entretanto, o futuro do presente, "poderão", também é leitura aceitável.

⁶¹ Gênesis, 19. 26. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁶² Orígenes, filósofo cristão da escola de Alexandria. A sua produção intelectual é imensa: escreveu mais de dois mil trabalhos literários e estudos sobre o Antigo Testamento e o Novo. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

deleites do nosso mundo: agora de sal, tudo é beber; e tudo é sede, vossa experiência o diga.⁶³

22 Que são as riquezas, senão maré do oceano que para encher as nossas praias vasa nas alheias? Com as galas de Esaú entrou Jacó⁶⁴ a receber a bênção de seu pai Isaac: *Vestibus Esau valde bonis induit eum*;⁶⁵ e não pudera entrar com as suas galas Jacó? Mas era o morgado de Esaú, e, como ia Jacó a levar-lhe o morgado, levou-lhe também os vestidos; por que não há enriquecer Jacó sem despir a Esaú? Todas as abundâncias desta vida são despojos: se a alguns sobeja é porque se despojam outros; não tivera Jeú⁶⁶ trono em que se coroar se não ficaram muitos sem capa com que se cobrir.

23 Que são as amizades, senão lisonjas da erva do sol? Todo o dia que arde esse planeta famoso, anda em perpétuo círculo, bebendo-lhe os semblantes; porém, em se pondo pela tarde a luz, deixa cair folhas e flor para o lado, em que a acham as sombras. Não há, de ordinário, amigo que não possais assomar-vos a ele, como⁶⁷ fazeis à janela para ver o tempo que corre. Com a casa de Davi, diz o texto sagrado que fizera Jônatas os concertos de sua amizade: *Pepigit foebus cum domo David*;⁶⁸ se os Jônatas são amigos com os olhos na casa, quem haverá que seja amigo com os olhos em Davi? Por isso, nas desgraças dos Davis, vemos faltar tanto os Jônatas; são amizades contratadas com a fortuna da casa, se a casa⁶⁹ corre fortuna, quebrou-se o contrato, e não há Jônatas para Davi.⁷⁰

24 Que é finalmente a corte, senão uma roda arrebatada onde atados de seus desejos volteiam os cortesãos miseravelmente alegres? Oh roda de Lisboa, que de atados

⁶³ Na edição de 1924 este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelo símbolo "§", indicador de parágrafo, que foi suprimido nesta edição.

⁶⁴ Na edição de 1924, só nesta ocorrência: "Iacob".

⁶⁵ Gênesis, 27. 15. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁶⁶ Jeú: um dos generais que comandavam o exército de Jorão perante Ramot de Galaad, em 843. Foi ungido por um discípulo de Eliseu, assassinou Jorão, Ocozias de Judá, Jezabel, toda a família de Acab, e foi reconhecido rei de toda Israel. Morreu em 815, depois de um desastroso reinado de vinte e oito anos.

⁶⁷ Na edição de 1924: "coma".

⁶⁸ I Samuel, 20. 16. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁶⁹ Na edição de 1924: "acasa". É possível que a leitura de "acasa" como "a casa" não seja a correta. Poderia ser "acaso".

⁷⁰ Na edição de 1924 este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelo símbolo "§", indicador de parágrafo, que foi suprimido nesta edição.

levas! que cuidados de montar arriba, que embaraços de cair abaixo! que pressas ao valer, que desares ao cair! que precipício nos apetites, que quedas na cobiça! que desponhamos⁷¹ na inveja, que ruído às esperanças! que porfias aos favores, que queixa aos infortúnios! que tormento aos desenganos! rodam lisonjeiros, voltam ambiciosos, sobe aquele, baixa este, trabalham todos, ri-se o mundo, e anda a roda.⁷²

25 Eis aqui o mundo, eis aqui as melhores prendas do mundo: e que isto nos prenda as vontades, que isso nos enfeitice os corações! Que se desvele o soberbo por tais grandezas; [o]⁷³ desvanecido por tal glória; o ambicioso por tais honras;⁷⁴ o palaciano por tal privança; o requerente por tais despachos; o cortesão por tais postos; o presumido por tal fama; o invejoso por tal prosperidade; o divertido por tal fermosura; o afeiçoado por tal amor; o delicioso por tais gostos; o lascivo por tais⁷⁵ deleites; o cobiçoso por tais riquezas; e todos por tais amizades, por tal corte, e por tal mundo. *Nolite thesaurisare vobis thesauros in terra*; acabemos já de entender que não são os bens da terra para trocarmos por eles o céu: para nos comprar o céu a seu eterno Pai, encarnou e morreu o eterno Verbo; se a vida de Deus é o preço justo de nossa bem-aventurança, como vendemos tão barato o que val⁷⁶ tão caro? ou havemos de dizer, contra os ditames da fé, que Deus andou imprudente⁷⁷ na compra, ou havemos de confessar que procedemos muito sem juízo na venda.⁷⁸

⁷¹ É estranha essa expressão.

⁷² Na edição de 1924 este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelo símbolo "§", indicador de parágrafo, que foi suprimido nesta edição.

⁷³ Na edição de 1924 não há este artigo, que acrescentamos.

⁷⁴ Este parágrafo retoma, um a um, em procedimento de recolha, o que ficou disseminado nos parágrafos 10 a 24. São mencionadas as grandezas, a glória, as honras, a privança, os despachos, os postos, os aplausos, a prosperidade, a fermosura, o amor, os gostos, os deleites, as riquezas, as amizades, a corte – enfim, o mundo. A cada um desses itens corresponde um parágrafo na edição de 1924; só não há parágrafo para as honras – a estrutura deste vigésimo quinto parágrafo, entretanto, autoriza-nos a criá-lo. Ver nota 28.

⁷⁵ Na edição de 1924: "taies".

⁷⁶ "val": forma apocopada e antiga de "vale".

⁷⁷ Na edição de 1924: "imprudôte".

⁷⁸ Na edição de 1924 este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelo símbolo "§", indicador de parágrafo, que foi suprimido nesta edição.

26 Nem nos embarace chamar Cristo tesouros aos bens da terra, não lhe⁷⁹ chama assi porque o sejam, senão porque a nossa cegueira assim o cuida: reparem na diversidade misteriosa de suas palavras; quando fala nos bens da terra, não diz que não entesouremos, senão que não queiramos entesourar: *Nolite thesaurisare*; quando fala dos bens do céu, não diz que queiramos entesourar, senão que entesouremos: *thesaurisare*; pois, se faz caso da vontade nos bens da terra, por que não faz caso da vontade nos bens do céu? por que não diz querei entesourar no céu assim como diz não queirais entesourar na terra? Porque quis mostrar a diferença que vai da terra ao céu, não solicita a vontade para os tesouros do céu, porque os bens do céu não dependem da nossa vontade para ser tesouros; desafeioa expressamente a vontade para os tesouros da terra, porque os bens da terra não têm mais de tesouros do que aquilo que nós lhe pomos de vontade, porque nós cegamente o queremos; por isso só eles parecem tesouros; não queiramos nós que logo não sejam tesouros os bens da terra;⁸⁰ a não querer nos admoesta Cristo: *nolite*; e, para que a razão obrigue a vontade, insta o conhecimento das coisas do mundo desde o conhecimento da vileza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es*.

27 *Et in pulverem reverteris*: a segunda razão de nossa conversão a Deus funda a Igreja na fragilidade de nossas vidas; avisa-nos de que havemos de ser mortos, para que saibamos buscar a Deus como mortais; mas é muito para reparar que se encomenda à memória este aviso: *memento*; a morte de cada um de nós ainda há de ser, o objeto da memória é o que já foi; ninguém se lembra propriamente de causas⁸¹ futuras, senão de coisas passadas; pois se a nossa morte ainda há de vir, como se faz objeto da memória? para que nos desenganemos,

⁷⁹ Nesta passagem, e um pouco adiante no mesmo parágrafo, "lhe" está por "lhes". O pronome podia ser invariável. Augusto Epifânio (Sintaxe histórica portuguesa. Lisboa: Clássica, 1959. p.70) diz ser frequente a forma "lhe" como plural, e Celso Ferreira Cunha e Carlos Durval, em nota à Prosopopeia, de Bento Teixeira (São Paulo: Melhoramentos, 1977. p.176), observam que "em Camões não se observa um caso sequer de variabilidade."

⁸⁰ Parece contraditória a dupla negação.

⁸¹ Possível gralha: talvez devesse ser "coisas". Entretanto, pode tratar-se de uma paronomásia intencional: causas/cousas. As causas, por antecederem às consequências, não poderiam ser futuras.

que há de vir a nossa morte;⁸² não há coisa mais certa que o passado, e na morte é tão infalível o futuro que, para se conhecer, ainda quando futura, há de ser por ato de memória, como já passada – *memento*. Em todos os outros bens e males deste mundo há seus acasos: nasce um menino, acaso cresce, acaso não cresce, acaso será rico, acaso pobre, acaso humilde, acaso honrado; discorrei por todas as coisas, de tudo podeis dizer acaso será, acaso não será; só na morte, por mais casos que haja, não há nenhum acaso; porventura podeis afirmar desse menino acaso morrerá, acaso não morrerá? desde que nasceu começou a enfermar, e tão de morte que só com a vida acabara o achaque, porque traz o achaque na mesma vida.

28 Ninguém nasce tão vivo que não venha mortal; as mantilhas do berço são fiança das mortalhas do túmulo; andam sempre entre si de batalha estes dous grandes capitães: a morte e natureza; a natureza a produzir, e a morte⁸³ a segar; com esta diferença porém, que é mais igual a morte em segar do que a natureza em produzir; a natureza, com fazer os homens todos do mesmo ser, não faz a todos da mesma fortuna, gera a uns ricos, a outros pobres, a este faz senhor, àquele servo; a morte não anda com estas distinções, com igual respeito pisa os palácios e as cabanas, e, se não perdoa ao sítio de um vulgar, não lhe escapa o trono de um monarca. Eleito Saul em príncipe, deu-lhe Samuel, por sinal de sua boa fortuna, que voltando acharia dous homens junto⁸⁴ ao sepulcro de Raquel: *Hoc tibi signum; cum abieris, invenies duos viros juxta sepulchrum Rachel*;⁸⁵ estranho sinal para um príncipe novamente eleito! das mortalhas de um defunto há de inferir Saul vendas de monarca? para saber quem vai para o paço há de encaminhar primeiro os passos a um sepulcro? isto é mandá-lo a reinar ou a morrer? É mandá-lo a desenganar, que também há de morrer quem

⁸² Entenda-se: "para que nos desenganemos, [por]que há de vir a nossa morte". Com esse entendimento, acrescentamos a vírgula depois de "desenganemos".

⁸³ Na edição de 1924: "marte".

⁸⁴ Na edição de 1924 está "juntos", onde nos parece deveria estar "junto". Nesta última forma se encontra a palavra na nota 14 de J. L. de Campos (p.12 das "Anotações", ao final do volume, na mesma edição).

⁸⁵ A edição de 1924 traz, no texto, o número 38 para remeter à nota ao final do volume. Essa numeração está errada: trata-se, na verdade, da nota 30 (de J. L. de Campos), que diz: I Samuel, 10. 2. Ao final do volume a nota traz o número 30, que é o correto.

reina.⁸⁶ O lavrador, em tempo da sega, igualmente corta as mais altas e mais baixas espigas; uma foice segadora é instrumento da morte: resolvam-se⁸⁷ as searas humanas, que, altas ou baixas, a todas há de alcançar o golpe. O trono de Jeú, em sua exaltação a rei de Israel, foi assentado, conforme o caldeu,⁸⁸ em um relógio, harmonia toda de rodas e de estrondos, que, por mais estrondos que faça a vida real, é vida de roda, que, se soa sempre, é porque nunca para; era relógio de sol, que tem as horas somente pintadas, porque nem ainda no paço há segurança de horas verdadeiras de vida.

29 Ora, a mim já me parece que a vida mais soberana não só é tão frágil como todas, senão mais caduca que nenhuma; todos os homens são mortais; porém, o mais senhor mais mortal que todos. Abra-me o caminho a este sentimento uma consequência notável de Tertuliano:⁸⁹ considera ele a Cristo no pretório de Pilatos aclamado rei pelos soldados, *Ave Rex*, e confirmado na dignidade pelo presidente, *ecce Rex vester*; exclama estranhamente, e profundo, *Redemptorem habemus*; já não há que reçar, já temos redentor – que dizeis, africano grande?⁹⁰ Cristo, então, há de ser redentor quando o vedes rei? porque esse reinar é profecia indubitável de que há de remir: não há Cristo de remir o mundo morrendo? pois, se está coroado, redentor tem o mundo, porque não pode faltar morte onde há coroa; a natureza humana deu a Cristo capacidade para morrer; porém, a dignidade afiançou-lhe a morte para remir; a natureza fê-lo mortal, a dignidade seguiu-o morto: *ecce Rex vester: Redemptorem habemus*; suma fortuna é sumo perigo; a luz, quando enche toda a roda, então pode padecer o eclipse; quando os grandes não houvessem de acabar por humanos, houveram de acabar por grandes: tanta antipatia tem a grandeza com a vida que as mesmas adorações da majestade são fatais disposições para a ruína – que ilustre desengano nas ruínas do insensível.

⁸⁶ Entenda-se: “É mandá-lo a desenganar, [por]que também há de morrer quem reina.” Este caso é semelhante ao registrado na nota 81, e, com o mesmo entendimento, adotou-se a vírgula depois de “desenganar”.

⁸⁷ Seria “revolvam-se”?

⁸⁸ Passagem não muito clara: “conforme o [costume] caldeu”? alusão às fontes dos livros bíblicos dos Reis?

⁸⁹ Septímio Tertuliano, apologista cristão, de bastante erudição (160-240). (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.) [No texto do sermão, na edição de 1924: “Tertaliano”.]

⁹⁰ Africano grande é o próprio Tertuliano, que nasceu em Cartago (c.155 d.C.) e exerceu magistério doutrinário na África do Norte.

30 Adoraram os hebreus aquele bezerro escandaloso formado de ouro de suas joias, e, sentido Moisés de ver o metal indignamente adorado, lançam no⁹¹ fogo, e, diz o texto que se desfizera em pó e em cinza: *Arripiens vitulum combussit, et contrivit usque ad pulverem*.⁹² Não sei se notais a dificuldade: que se desfaça o auro no fogo? no fogo que acrisola e não destrói⁹³ os metais? notável sucesso, por certo; e no presente caso mais notável. Duas vezes foi este mesmo ouro ao fogo: da primeira conservou-se, e saiu ídolo; da segunda consumiu-se, e ficou cinza; pois, valha-me Deus, se este ouro não podia antes consumir-se no fogo, que o fez agora capaz de se destruir nele? quem o tornou caduco, se não era frágil? Tornou-o caduco quem o fez adorado: na primeira ocasião, entrou este ouro no fogo com qualidades somente de metal; na segunda, entrou com respeitos de adorado no fogo, e, se bem não podia desfazer-se por metal, pôde por adorado desfazer-se. Ah! adorados do mundo! as adorações⁹⁴ vos desvanecem, e não advertis que também as adorações vos matam: se os metais, depois de adorados, encontram seu último dano onde primeiro achavam seu maior lustre, que sucedera nos adorados que não são metais.

31 Contra os outros arma-se a morte, porque são homens; contra os grandes arma-se a morte porque são homens e porque são grandes: por duas partes os combate, pelo ser e pela dignidade. Singularmente o disse Davi em umas palavras muito vulgares: *Ego dixit, Dyestis vos, et filij excelsi omnes*;⁹⁵ senhores do mundo, vós sereis vice-deuses na terra, e filhos de progenitores muito ilustres; *Vos autem sicut homines moriemini, et sicut vnus de Principibus cadetis*: porém, sabeis que haveis de morrer como homens e acabar como príncipes. Repare que distingue duas mortes o real profeta: morte como homens, *sicut homines*, e morte como príncipes, *sicut vnus de*

⁹¹ Provável haplogia sintática: “lançam no fogo” está por “lançam-no no fogo”.

⁹² Êxodo, 32. 20. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁹³ Na edição de 1924: “destrue”. Essa forma verbal é frequente nos autores clássicos. Segundo J. L. Campos, nas notas que após aos sermões de Antônio de Sá publicados pela Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa em 1924, o interessante, no caso dos verbos em struir e sumir, foi o fato de alguns deles terem o u convertido em o, ao passo que outros, com o mesmo radical, conservaram o u.

⁹⁴ Na edição de 1924: “odoracoes”.

⁹⁵ Salmos, 81. 6, 7. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

Principibus; logo, quem for juntamente homem e príncipe é mortal duas vezes; mortal por homem e mortal por príncipe. Assi excede na mortalidade quem assi excede na grandeza: tanto há de morrer de príncipe como de homem; por duas partes o busca a morte, pela fragilidade da natureza, *sicut homines*, e pela soberba do estado, *sicut vnus de Principibus*.

32 Nem pareça que fiz até agora mais mortais aos grandes sem fundamento, tende razão para o sentir assi, e a meu juízo é grande razão: Deus criou a Adão imortal; fez-se depois Adão mortal porque pecou, e pecou porque quis ser muito soberano, *eritis sicut Dij*, de maneira que nossa mortalidade, se bem advertirmos, teve causa e teve ocasião; teve causa na culpa, porque não fora Adão mortal se não pecara; teve ocasião na grandeza, porque não pecara Adão se não quisera ser muito grande. Vamos a nós agora; nos outros homens tem a mortalidade causa, porque todos nascemos culpados; nos grandes tem a mortalidade causa e juntamente ocasião, porque nascem culpados e nascem grandes; pois quem duvida que de algum modo fica mais mortal aquele em que a morte acha causa e ocasião de mortalidade do que aquele em que a morte acha somente causa? E comparando entre si a causa com a ocasião, mais arriscada anda a vida pela ocasião do que pela causa; mais é para recear a morte pelo estado soberano do que pela natureza culpada: Acab,⁹⁶ quando vinha contra ele o de Síria,⁹⁷ para resguardar melhor a vida, depondo a majestade de rei, entrou de disfarce na batalha; Sísara,⁹⁸ quando recebeu a rota de Barac, para fugir melhor à morte, deixando as insígnias de general, se meteu na tropa dos apeados; de sorte que os senhores, quando nos perigos querem assegurar a vida, depõem o majestoso e ficam só no humano; como que encarece neles mais a morte pelo que têm de divinos do que pelo que têm de homens. Há-se a morte conosco como nós com as flores: não há homem que, passeando por um prado ou saindo a um jardim, não tope com os olhos naquela flor que sobre as outras se levanta e não estenda logo a mão

⁹⁶ I Reis, 22. 30. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

⁹⁷ Entenda-se: o exército de Síria.

⁹⁸ Juízes, 4. 15. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

e a corte, ou porque se sofre tão mal a soberba, que ainda em representação aborrece, ou porque se levanta tão mal a desigualdade, que ainda entre flores não é sofrível; a flores compara Davi os homens: *sicut flos agri, sicut florebit*;⁹⁹ e a morte, como tão amiga de abater soberbas, anda com a mira nas eminências, e assi corta vidas como nós cortamos flores.

33 Com toda esta igualdade que a morte guarda no golpe, comete grandes desigualdades no tempo; é desigual, porque não faz distinção de pessoas; é desigual, porque não faz diferença de idades; a um tira a vida nos anos maduros¹⁰⁰ da velhice, a outras¹⁰¹ nos anos verdes da mocidade; como a morte em matar não segue a desigualdade da natureza em produzir, da mesma matéria não guarda com os anos o que a natureza observa com o ano: no ano há primavera para brotarem as flores e há outono pera se colherem os frutos; nos anos o mesmo verão da vida é o inverno da morte. Espada e setas atribuiu à morte Davi: *Gladium suum vibravit, arcum suum tetendi, et in eo paravit vasa mortis*.¹⁰² E a que fim esta diferença de armas na morte? Porque se arma contra toda a diferença de anos: *gladius vicinos, aous remotos petit, sic nullus eximitur*, disse o insigne expositor¹⁰³ dos salmos de minha religião sagrada; a espada é arma que serve para o perto, a seta é arma que serve para o longe; no juízo de nossa cegueira as idades têm seus longes e seus pertos; a velhice parece-nos que anda muito perto da sepultura; a mocidade, pelo contrário, parece-nos que está muito longe do túmulo; pois que faz a morte? Arma-se de espada e setas, setas para os longes da mocidade, espada para os pertos da velhice: ninguém se confie nos anos, que para todos há arma; se sois velho, estais perto, e há espada; se sois moço, estareis embora longe, mas há setas. Desde as primeiras quatro vidas que houve, se costumou a estas desigualdades a morte: vivia Adão, vivia Eva, vivia Caim, e vivia Abel; os mais anos eram de Adão, os menos anos eram de Abel; houve a morte de fazer a primeira experiência de seu

⁹⁹ Salmos, 102. 15. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁰⁰ Na edição de 1924: "muduros".

¹⁰¹ O pronome concorda com "pessoas".

¹⁰² Salmos, 7. 13. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁰³ S. Atanásio, o Grande. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

poder, e Abel foi o alvo de seus tiros;¹⁰⁴ de sorte que, quando a morte quis aprender a tirar vidas, fez o ensaio na menor idade, e primeiro que os velhos soube o mundo que eram mortais os moços; seria sem-razão deste tirano, mas não há dúvida que é desengano a nossas confianças.

34 E já se a morte esperara anos determinados pera começar a tirania de seu império, tivera a vida seus anos; porém, começa tanto ante tempo, ou tanto a todo o tempo mata, que nenhum instante de seu fica à vida: passado o instante do nascimento, não há instante algum em que não possa morrer homem; acaba de nascer neste instante presente e pode logo morrer no futuro; e se o primeiro instante é do nascimento, e todos os instantes seguintes são da morte, entre o nascer e o morrer se reparte todo o tempo; vivemos si, mas à mercê da morte vivemos; não são anos da vida os anos de nossa vida; deposita-os a morte como seus, e pede quando quer o depósito. Vidro se chama na escritura sagrada a natureza humana; assim entendem alguns aquilo de Jó, quando disse que nem o ouro mais fino nem o vidro mais fino se podia comparar com a sabedoria divina: *Non adequabitur ei aurum, vel vitrum.*¹⁰⁵ No ouro se significam os anjos, no vidro se simbolizam os homens: lançai agora os olhos a uma tenda de vidro onde se puseram alguns há muitos anos e outros há poucos dias; pergunto qual deles vos parece que quebrara primeiro, o que se pôs há anos, e está já tão coberto de pó que não se vê sua claridade, ou o que se pôs ainda ontem, tão fermoso e transparente? É certo que tanto risco corre um como o outro, e tão pouca segurança tem este como aquele, porque são ambos da mesma massa, tão frágil uma como a outra; pois toda esta máquina espaçosa do mundo é uma tenda, os homens são os vidros, uns mais cristalinos, outros mais escuros, uns mais bem lavrados, outros com galantaria, uns grandes, outros pequenos, uns estão muito altos, outros muito baixos, alguns entraram nesta tenda há noventa anos, outros setenta, outros há quarenta, outros há vinte, outros ontem, e

¹⁰⁴ Gênesis, 4. 8. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁰⁵ Jó, 28. 17. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

alguns hoje; entre tanta variedade, onde será maior o perigo? qual será o primeiro que estale e quebre? É verdade que tanto se pode temer os que entraram hoje como os que há noventa anos entraram, e aquele estalará primeiro a quem primeiro fizer tiro a morte: Oh vida! Oh vidro!

35 Mas que, sendo esta a fragilidade da vida, vivamos com tanto descuido da morte! mas que, sendo esta a certeza da morte, vivamos com tanto engano da vida! que, não tendo a vida de seu um instante, gastemos os dias, os meses e os anos como se não foram da morte! Oh resolvamo-nos já algum dia a ouvir a Deus, que tão amorosamente nos chama: *Convertimini ad me in toto corde vestro*; e todo o tesouro da sabedoria divina, pera conseguir a conversão de uma alma, não há¹⁰⁶ remédio mais eficaz que a lembrança da morte; por isso Cristo deu a Judas por desesperado e réprobo, quando na ceia, entre a prática da morte e sepultura de Cristo, o viu sair a concertar a venda: *Ad sepulturam dixit, neque hinc compunctus est*;¹⁰⁷ esta memória aviva hoje a Igreja, por que não conseguira Deus a conversão que nos¹⁰⁸ pede?

36 Se temos fé e cremos que não há perdão dos pecados sem arrependimento do pecador, necessariamente nos havemos de arrepender algum dia; pois, se há de ser algum dia, por que não será hoje? se há de ser depois, por que não será logo? ou o pecado é bem ou é mal; se bem, pera que vos haveis de arrepender nunca? deixai-vos morrer em pecado; se mal, e por isso determinais arrepender-vos depois, não é pouca cordura multiplicar o número das culpas pera dobrar as cousas¹⁰⁹ do arrependimento? não é pouca consideração pecar mais pera ter mais de que arrepender? que queirais sacrificar o melhor dos anos ao mundo, e que não vos pejeis de reservar as relíquias da vida pera Deus! que intenteis começar a viver bem naqueles anos, onde muitos não chegaram, e outros acabam de viver! comprais uma quinta e desejais que seja boa, fazeis uma gala e procurais que não seja má; todas as vossas cousas, ainda as de

¹⁰⁶ O verbo "haver", nesta passagem, tem o sentido de "ter".

¹⁰⁷ S. Mateus, 27. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹⁰⁸ Na edição de 1924: "nas".

¹⁰⁹ Gralha? Seria "causas"?

menos substância, pretendeis que sejam boas, e muito boas; e que segurança tendes de que a vida vos durara até esse tempo pera o qual guardais vossa penitência? quem vos esperou até hoje não vos promete nem o dia de amanhã; quantos viram nascer o sol que o não tornaram a ver posto? e quantos o viram pôr que o não tornaram a ver nascido? não pudera ser cada qual de nós um destes? antes que se acabe esta hora, não pudera cada qual de nós acabar aqui a vida? e se sucedesse? Mas quero que vivais esses anos que falsamente vós prometeis; e por onde vos consta que então vos haveis de arrepender? se agora vos parece tão árduo dar de mão aos vícios, que será depois, quando com o costume estiver a natureza mais depravada e a graça mais distante; nunca viste uma avezinha que, tendo o corpo todo livre e solto, está contudo presa por uma unha? bate as asas para voar e não pode, arremessa-se aos ares para fugir e não acaba; pois que te detém, avezinha triste? não tens o corpo solto, não tens as asas livres? por que não voas? por que não foges? quem te prende, quem te enlaça? Uma vinha: ah pecadores, a culpa é prisão da alma; se vos achais agora tão impedidos¹¹⁰ quando são os laços menos, como esperais desembaraçar-vos quando forem mais os laços? se a muitos retarda hoje uma só unha presa, como confiam soltar-se quando estiver enlaçado todo o corpo? ai; não há conversão de pecador sem vocação de Deus; se não acudis a Deus quando vos chama, quem vos assegurou que vos havia de acudir quando vós chamardes? Aquelas cinco virgens loucas do Evangelho¹¹¹ não se preveniram quando Deus as buscou; chamaram depois uma, e outra vez: *Domine, Domine*; e Deus não lhes acudiu: *nescio vos*; por que não temereis que diga Deus que vos não conhece quando vós chamardes, pois vós o não quereis conhecer quando ele vos chama?

37 E se é desacerto de guardar a penitência para o tempo futuro, reservá-la para a hora da morte que será? O arrependimento da hora da morte mais é arrependimento dos pecados do que arrependimento do pecador: quem se arrepende

¹¹⁰ Na edição de 1924: "impodidos".

¹¹¹ S. Mateus, 25. 11, 12. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

na vida, como se arrepende em tempo que pode pecar, ele é o que deixa os pecados; quem se arrepende na morte, como se arrepende quando já não espera ter tempo pera ofender, os pecados são os que propriamente o deixam a ele; e se o perdão segue o arrependimento, onde os pecados serão os arrependidos, como esperam os pecadores ser os perdoados? Em todo o livro das Escrituras de Deus, diz Bernardo,¹¹² não se lê que se salvasse outro pecador na hora da morte, senão o bom ladrão; e que em 6.872 anos não se saiba de certo que na hora da morte houvesse mais que um pecador arrependido verdadeiramente, e que esperem tantos¹¹³ arrepender-se na hora da morte? Se na bateria de uma cidade pusesse o general pena de morte a um artilheiro se não empregasse alguma bala na muralha fronteira, não procederia como homem sem juízo aquele que, deixando tanto espaço de parede em que lograr o tiro e salvar a¹¹⁴ vida, fosse pôr a mira na ponta última da mais levantada torre, onde qualquer cousa que sobreleve ou desvie perde o golpe, e aventura tudo? pois que consideração é nossa que, tendo o muro da vida para acertar esse tiro em que nos vai não menos que uma eternidade de glória, ou uma eternidade de pena, aceitamos tão confiadamente ao último porto nossa conversão? Isto é querer zombar de Deus; e de Deus, diz Paulo, não se zomba: *Deus non irridetur: quaecumque seminaverit homo haec, et metet*;¹¹⁵ semear pecados toda a vida e esperar colher frutos de graça na morte? *Deus non irridetur*; comprar o inferno a preço de tantas culpas e no fim da vida querer a glória? *Deus non irridetur*; desprezar a Deus tantos anos por servir a nossos apetites e na última hora buscar a Deus como amigo? *Deus non irridetur*; não se zomba assi de Deus: *quaecumque seminaverit homo haec, et¹¹⁶ metet*: quem semear ofensas na vida, há de recolher tormentos na morte. Nem recorrais à grandeza da misericórdia divina, que estas confianças têm hoje a muitos no inferno: é verdade que

¹¹² S. Bernardo, primeiro abade de Clairvaux, doutor da igreja, grande estudioso das sagradas escrituras e dos escritos teológicos. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹¹³ Na edição de 1924: "tontos".

¹¹⁴ Na edição de 1924: "o".

¹¹⁵ Aos Gálatas, 6. 7, 8. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹¹⁶ Na edição de 1924: "&c.", isto é, "etc."

a misericórdia de Deus é muito grande, e sem limite, nem condição alguma; mas¹¹⁷ isto é pera quem faz dela motivo para¹¹⁸ se arrepender, e não para quem toma dela ocasião pera pecar; antes não vi maior indício de justiça divina do que a permissão de semelhantes esperanças na divina misericórdia; e, senão, dizei-me, com estas esperanças que fazeis, senão, dilatar a penitência e multiplicar os pecados? pois deixa-vos¹¹⁹ Deus esperar em sua misericórdia pera pecar, e não vos parece que é castigo severíssimo de sua justiça? na outra vida há-se de medir a pena para a culpa, deixar aumentar as culpas é querer aumentar as penas: não julgais que é castigo? Da justiça divina diz Jeremias que se parece com um arco: *tetendi arcum suum*;¹²⁰ e por que se compara mais ao arco que a outra arma? Porque, *in arcu*, diz S. Jerôn.,¹²¹ *Quando longius trahitur corda, tanto eo distractior exit sagitta*: no arco, quanto mais ao largo se estira a corda, tanto com mais violência se despede a seta. Andai agora a retardar a penitência de confiados na misericórdia, e no fim vereis se foi justiça: a divina justiça é arco; desde o primeiro pecado mortal que cometemos se embebeu nele a seta de nosso suplício; e se a corda se for estirando por vinte, por trinta, por cinquenta, por setenta, e por mais anos, com que fúria saíra no cabo a seta?

38 Ora, fieis, conhecida a vileza do mundo à vista da baixeza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es*; e reconhecida a importância de nossa conversão à vista da fragilidade de nossas vidas: *et in pulverem reverteris*; não permitamos que em tanto dano de nossas almas se malogre o conselho de Christo, e a vocação de Deus. Deus chama-nos à sua graça: *Convertimini ad me*; e que maior felicidade que viver na graça de Deus? Cristo aconselha-nos que deponhamos os afetos da terra: *Nolite thesaurisare in terra*; e que há na terra que nos mereça justamente os afetos? A Deus, pois, com os corações; ao céu com ânsias: ali tendes grandezas sem vaidade, honras sem baixos, privança sem receio, despachos sem dependência,

¹¹⁷ Na edição de 1924: "mais".

¹¹⁸ Na edição de 1924: "par".

¹¹⁹ Na edição de 1924: "dexaivos".

¹²⁰ Lamentações, 2. 4. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

¹²¹ Ver sermão da Conceição da V. Maria, nota 4. (Nota de J. L. de Campos na edição de 1924.)

postos sem desdouro, fama sem inveja, prosperidade sem perigo, fermosura sem eclipse e sem mudança, amor sem tormento e sem ruína, gostos sem pesar, deleites sem sede, riquezas sem limitação, amizade sem lisonja, corte sem voltas, e glória sem fim. *Quam mihi, et vobis praestare dignetur Dominus Omnipotens, etc.*

v
v v
v v
viva voz